



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS - IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA
JOSELITO DE JESUS

JOAQUIM SOUZA DE OLIVEIRA NETO

JOSILAN SILVA DOS SANTOS

Jacobina – Ba

2017

JOAQUIM SOUZA E JOSILAN SILVA

**LUGAR DE ORIGEM E IDENTIDADE: FATORES RELEVANTES PARA O
RETORNO DO INDIVÍDUO**

Artigo científico apresentado ao curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade do Estado da Bahia campus IV, como parte dos requisitos para a obtenção da conclusão do curso.

Orientador: Joselito Manoel de Jesus (Prof. Ms.)

Jacobina – Ba

2017

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. Lugar de Origem e Raízes: Fatores Relevantes para o Retorno do Indivíduo	5
1.1 Identidade e Lugar	8
2. Relação estabelecida entre raízes, identidade e o retorno do homem e da mulher ao seu lugar de origem.	14
2.1 Mobilidade humana: Demandas sociais, políticas e econômicas.	14
3. Os Migrantes	18
4. Considerações Finais	25
5. REFERÊNCIAS	26

Agradecimentos

Josilan Silva dos Santos/ Joaquim de Oliveira Neto

Primeiramente agradecemos a Deus por ter nos dado forças e ajudado a concluir esta etapa das nossas vidas, a nossos pais (Agenario, Anatalia, Terezo, Jenolina) por terem incentivado, nos apoiando e nunca terem desistido de nós, fazendo investimentos financeiros e emocionais, sem estes não teríamos conseguido chegar até aqui.

A nossos colegas que nos ouviram e às vezes mesmo de longe ajudavam e incentivavam a continuar esta jornada em especial a instituição que é formada por pessoas que a geografia me presenteou e que me ajudou a crescer dentro da Universidade.

A nós, por todo esforço e por juntos termos chegado até aqui.

Ao nosso Orientador Joselito, por toda paciência que teve e por toda a ajuda, a todos os professores do Campus IV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a própria instituição que nos proporcionou grandes experiências e crescimento dentro da geografia e da docência, contribuindo assim para nossa formação.

Lugar de Origem e identidade: Fatores relevantes para o retorno do indivíduo.

RESUMO

O presente artigo tem como proposta analisar o que leva as pessoas a migrarem e dificuldades enfrentadas e que mesmo distantes mantem um vínculo, sentimento de pertencimento e identidade. Fatores relevantes para o retorno ao lugar de origem. Por meio de apresentação de materiais e de entrevista aos que passaram por esse processo de migração.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar de origem; Identidade; O Retorno

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, é possível verificar uma grande difusão de ideias que valorizam as experiências sócio-espaciais coletivas que moldam e delimitam uma nova experiência de ser-e-estar no mundo. O distanciamento da ideia clássica de “sociedade” como uma perspectiva ordenada de tempo e espaço é, segundo Giddens (1991 *apud* HALL, 2003, p. 68), uma implicação da globalização e tal processo tem sido pautado numa lógica reticular, de infinitas interações e promotora de conexões humanas múltiplas. Por outro lado, tais experiências relegam mais e mais pessoas a um processo paulatino de isolamento e individualismo. Mas existe um sentimento de pertencimento que é mais importante do que queremos admitir, o que faz com que se considere a ideia de se “regressar ao lugar”. Mesmo tendo uma variação de indivíduo para indivíduo em relação ao seu tempo de retorno. Para alguns, o lugar representa lembranças e permanências carregadas e vivenciadas na infância, um arquivo de lembranças afetivas e realizações importantes que inspiram os laços familiares e culturais. Para outros, no entanto, o lugar nem sempre trás boas lembranças, às vezes a falta de emprego e oportunidades força o indivíduo a buscar novos caminhos e melhores condições de vida em lugares diferentes.

Portanto, mostraremos através de entrevista com pessoas que deixaram seus lugares, por curto ou longo período, mas que não esqueceram suas raízes, como as

raízes e as identidades forjadas num lugar formam um vínculo relevante para a volta do homem ou da mulher ao seu lugar de origem. Além dos aspectos subjetivos que provocam o retorno do indivíduo ao seu lugar de memória como: saudade, afeto, família, há também os aspectos objetivos que provocam o retorno dessa pessoa, tais com: vaga em concurso público, especialização em curso técnico, etc. De antemão nos veem as explicações gerais: sobrevivência econômica – procura de emprego para manutenção da sobrevivência pessoal e familiar ou passou num concurso em outro estado e teve de ir embora; emotivo – mudou para acompanhar uma pessoa especial em seu afeto; religioso – foi para outro lugar fazer um trabalho de pregação ou coisa parecida; ambiental – teve de ir embora em função do avanço do mar ou da seca consistente que afugentou a família do lugar. Buscaremos mostrar a forte relação entre lugar, identidade e sentimento de pertencimento por parte dos indivíduos que migram, mas que sonham um dia voltar para reencontrar seu passado, porém existem algumas exceções: será que todo migrante pretende realmente voltar a sua terra natal? Será que os migrantes que, por exemplo, assumiram nova identidade de gênero, se sentiriam bem ao voltar e reencontrar vizinhos, amigos e familiares? Os migrantes, nos seus lugares de destino, tendem a descobrir as *linhas de fuga*, as *frestas*, os *entre-tempos* e *entre-lugares* (BABHA, 2003, pag, 41.), de modo que a lógica da velocidade e da fluidez tende a reduzir seus efeitos à medida que estes sujeitos vão se colocando na sociedade de chegada, construindo novas territorialidades.

A experiência migratória promove uma singular relação entre indivíduo e espaço. Segundo Mbembe (2013) é a partir da construção do status de “passantes” que se assume, em última instância, “a condição de nossa humanidade a partir da qual criamos cultura” (p. 61). Para o passante há uma ética, as marcas deixadas pelos lugares por onde se passou promovem o *status* de não pertencimento a nenhum lugar, ou pertencer a muitos. “Passante” para o autor é um termo muito amplo que abarca algumas concepções, entre as quais, a ideia de “uma figura de outra parte, que se torna passante exatamente porque está de passagem, vinda de outro lugar e a caminho de outros horizontes” (*ibid.*). No caso dos migrantes, essa ideia aponta para a negação do lugar de origem e não aceitação do lugar de imigração, uma contradição que aponta para um permanente desejo por retorno, não tanto ao lugar de retorno, mas, antes de tudo, ao lugar de origem, que já não existe

mais, a não ser nas memórias do migrante, ao que Sayad (2000) chama de “as ilusões do migrante”, ou “geografia imaginativa”, na visão de Said (1990). De imediato nos veem em mente a tragédia ocorrida em Mariana-MG, com a barragem da mineradora Samarco em novembro de 2015. As pessoas atingidas perderam seus pertences e foram obrigados a deixar o seu lugar de origem de maneira inesperada, segundo relato de uma moradora que sente a perda do convívio diário com os vizinhos e lembra com carinho da cachoeira que ficava a uma caminhada de sua casa e da mangueira que fazia sombra para ela e para a mãe depois do almoço. "Aqui a gente não tem vida social, é do trabalho pra casa. Eu gostava muito mais da minha casa no Bento do que do apartamento em que eu moro hoje, mas vou fazer o que? Não tenho alternativa". E dois anos depois lutam para ter a sua casa e retornar ao seu lugar de memória, porém, apenas no imaginário, pois na realidade o seu lugar já não existe mais, pois foi destruído pela barragem de rejeito.

. As “conexões humanas múltiplas”, geralmente remetem os indivíduos aos seus lugares de memória, através de fotografias antigas, lembranças de acontecimentos que marcaram determinado grupo de amigos e familiares, memórias que aguçam a curiosidade de como esse cenário se encontra atualmente. Mesmo depois de várias experiências longe de “seu lugar” o retorno desses indivíduos é certamente almejado ao. Mas será que o migrante de retorno, uma vez na sua terra novamente, continua sendo o mesmo lugar de origem do ponto de vista da economia local ou das unidades domésticas receptoras? Casos específicos levam a conclusões diferentes. Enquanto haja acidentados, doentes velhos e inválidos nos fluxos de retorno, é improvável que se integram favoravelmente na economia local. A terra de origem se torna um depósito de “refugo” da economia das regiões dominantes, e as famílias assumem os custos envolvidos no sustento destas pessoas. Porém, mesmo sendo uma minoria, há quem volta com uma situação socioeconômica melhor. Também, quem volta desiludido com a terra prometida, em que as razões do retorno não serão as mesmas de sua partida, subsidiado e incentivado pelo próprio grupo doméstico de origem. Ter passado uma temporada fora pode ainda lhe proporcionar privilégios no mercado de trabalho local, como mais velho, experiente e conhecedor de ritmos de trabalho mais acelerados. Ou seja, ser “refugo” da economia na região de destino inicial não implica, necessariamente, que o migrante sê-lo-á na sua terra ao retornar (SCOTT, 1986, p. 688).

O estudo em questão volta seu olhar para os migrantes baianos de Jacobina que vivem a situação de retorno, conhecendo suas vivências, suas dificuldades e conquistas. A efetivação da migração obriga o migrante a elaborar estratégias e vivenciar experiências de conflito e superação, as quais serão aqui compreendidas como performances migratórias. O estudo analisa a ida e o retorno de migrantes jacobinenses em busca de melhores condições de vida e que geralmente retornam com experiências positivas e negativas. Quem experimenta uma condição de precariedade durante a migração tende a vislumbrar o retorno imediato com mais vigor que aqueles que se encontram em condição econômica favorável. Mas não são apenas os aspectos econômicos que determinam o retorno, há outros elementos marcantes, como as discriminações enfrentadas, a violência cotidiana da grande metrópole, a saudade dos amigos e parentes. Aspectos impossíveis de mensuração, mas igualmente determinantes em muitos casos na decisão de retornar ou de permanecer.

Lugar e Identidade

Para entender melhor as relações existentes nos movimentos dos migrantes é preciso refletir sobre os conceitos de “Lugar e Identidade”, embasados na teoria de autores que definem qual a ligação de um com o outro, assim, explicaremos os motivos que levam as pessoas a se desprenderem do seu lugar de origem, deixando para trás sua comunidade, seus amigos e familiares por vários fatores diferentes, porém, suas raízes continuarão vivas em seu íntimo, não deixando “morrer” a relação entre o seu lugar presente/futuro e seu lugar passado.

Para Yi Fu Tuan- (1983) o lugar é uma área que foi apropriada afetivamente, transformando um espaço indiferente em lugar, o que por sua vez implica na relação com o tempo de significação deste espaço em lugar. . "A sensação de tempo afeta a sensação de lugar. Na medida em que o tempo de uma criança pequena não é igual ao de um adulto, tampouco é igual sua experiência de lugar." (TUAN, 1983, p. 206)". Na vivência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. Entretanto, “o lugar é um mundo de significado organizado.” (1983, p. 198). O que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor". O Lugar é uma mistura singular de

vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...). Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos" (TUAN, 1983, p. 203). Só nos familiarizamos com um Lugar após algum tempo e este é definido por e a partir de apropriações afetivas que decorrem com os anos de vivência e as experiências atribuídas às relações humanas que ali ocorrem.

A ideia de Lugar, consubstanciada no entendimento de Milton Santos (1994, pg. 36) é assim entendida: consiste da *extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário*, a partir de duas construções: a configuração territorial e norma, mesmo que efêmera. O Lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através "de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum" (Milton Santos, 1997). O apego ao lugar é marcado por afetos e emoções presentes na relação entre as pessoas e os acontecimentos. O apego pode promover a sensação de bem-estar e a transformação social destas pessoas (Giuliani, 2004). Essa segurança, esse espaço familiar e cotidiano dado pela experiência direta satisfaz as nossas necessidades psicológicas e explica o nosso sentimento de pertencimento pelo lugar de origem.

O sentimento de pertencimento é um fator indispensável para a existência do lugar. Tal sentimento se desenvolve no indivíduo com a apropriação de inúmeros condicionantes, como: tempo, significado, experiências, acontecer solidário, cotidiano compartilhado, afeto, emoções, segurança. Apropriando-se do pertencimento e atribuindo o valor de Lugar, as pessoas desenvolvem suas identidades, justamente porque precisam compartilhar o cotidiano e significá-lo, tornando o "acontecer solidário" dotado de valores construídos e legitimados em grupo. Nesse processo dialético, a objetivação do lugar, pela via do compartilhamento coletivo, exige, inevitavelmente em se tratando de seres humanos, a presença do afeto como base para o processo de subjetivação, processo no qual as identidades vão adquirindo seus contornos em função dos acontecimentos solidários que marcam a história do grupo e dos indivíduos que dele participam no espaço que vai se tornando lugar.

O desenvolvimento da identidade dos lugares determina a forma como ocorrem as experiências dos indivíduos e como estes vão sendo delineados. Pode-se identificar pelo menos três componentes do nosso envolvimento com os lugares:

a configuração física, as atividades e os significados (RELPH, 1976). No entanto, os sentidos podem mudar ou serem transferidos para outros objetos. Além disso, os três componentes são compostos, não monolíticos. Segundo Relph (1976), a configuração física envolve tanto a natureza (Terra) quanto o ambiente construído, enquanto as atividades podem ser criativas ou destrutivas ou passivas, coletivas ou individuais. E os significados possuem atribuições e significantes muito distintos e mutantes.

Stuart Hall (2006) considera o conceito de identidade complexo, mas isso não o impede de formular discussões e suscitar a reflexão em torno da ideia de que as identidades estão sendo descentradas, ou seja, deslocadas, fragmentadas. Segundo Hall a identidade, é uma "celebração móvel", pois, é "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam." (1987, p.12)

A constituição das identidades depende da negociação entre diferentes representações que coexistem, e muitas vezes, competem entre si. As pessoas podem se identificar com algumas representações e discordar de outras. Elas também podem não se identificar completamente com nenhuma representação disponível no lugar (pois elas se identificarão com outras de outros lugares). De fato, é sempre em relação ao outro que o eu se constitui. Toda constituição identitária é tensa, é uma escolha, uma opção, nem sempre consciente, mas sempre em relação ao outro, diante do qual ou contra o qual, ou em relação ao qual eu me coloco, assumindo uma identidade política, ideológica, social econômica e cultural. Deve-se ressaltar ainda que para os migrantes que estão em condições de inclusão precária nas sociedades de imigração, a distância quase sempre é um fator negativo: residências em periferias, subúrbios ou em áreas desvalorizadas dos centros, menor acesso aos equipamentos urbanos qualificados e utilização de meios de transporte menos ágeis e mais precários.

A princípio, o indivíduo que deixa sua terra chega ao seu lugar de destino evitando colocar em prática a sua cultura, seja por motivo de retaliações, timidez e às vezes até por vergonha de ser diferente dos demais. Percebemos isso nos nordestinos que saem para São Paulo, por exemplo, que sufocam seu sotaque. Mas, independente de onde estejam, guardam sinais de sua identidade e de sua

cultura de origem porque essas características o acompanham para qualquer lugar, ou seja, cede parcialmente para facilitar a convivência nesse “novo lugar”, mas não se submetendo a essa nova cultura.

Entende-se, assim, que a identidade é processual. Ocorre de forma gradativa entre a convivência individual e coletiva para a construção da sociedade, organizações e estruturas históricas traduzindo um contexto político e social de seu meio, como afirma Castells (1999, p.23). Nesse sentido, pode se dizer que a identidade também se constitui quando o indivíduo se reconhece parte daquele meio, como se tivesse herdado aquela cultura para si, reconhecendo-a e diferenciando perante as outras culturas (PESAVENTO, 2005, p. 89-90).

Não é rara a associação entre globalização e uma conseqüente transformação do Lugar e ao enfraquecimento de sua identidade e da perda de suas singularidades. Já a migração, causa a ruptura, o distanciamento, afastando-se do “cotidiano compartilhado entre as pessoas, firmas e instituições”, lugar no qual o afeto enraizava-se em memórias marcantes.

Espaços interconectados e lugares diferentes, culturas diferentes isso é possível por conta das singularidades, das individualidades de cada grupo e do desejo de transmitir para as gerações futuras suas “raízes”, e crenças. Na medida em que foram significativamente separadas do lugar no “frenesi da globalização” das “identidades desterritorializadas” – e em muitos discursos isso privilegia as viagens, a mobilidade, o deslocamento e a diáspora – as noções contemporâneas da cultura não conseguem escapar deste aperto, porque tendem a assumir a existência de uma força global à qual o local está necessariamente subordinado. Sob estas condições, é possível lançar uma defesa do lugar na qual este e o local não derivem seu significado da justaposição ao global? Quem fala pelo “lugar”? Quem o defende? A “penetração”, invasão da globalização nos mais remotos lugares, não quer dizer necessariamente que o local desapareceu, pelo contrário, isso pode contribuir para a defesa e o fortalecimento da sua cultura, sua identidade e suas relações sociais, ou seja: nem a defesa da cultura pura do lugar – pois não existe cultura pura – nem a aceitação passiva e acrítica da cultura estrangeira, no caso global. A questão é: como tratar a globalização na cultura local sem que esta perca as suas referências singulares e principais que caracterizam a identidade local?

Grupos culturais – música, teatro, samba de roda, capoeira, maculelê, entre outros que resguardam as tradições e dão um sentido existencial à convivência coletiva daquele lugar, através dos mitos, crenças, lendas e histórias, devem ser fortalecidas para que a identidade local tenha asseguradas suas referências primordiais e, através delas, se abram para o diálogo com o mundo em globalização.

Marginalização significativa do lugar, a globalização é capaz de fazer isso com facilidade, pois, através dos meios de comunicações e dos sistemas de redes, as distâncias encurtaram e as “culturas dominantes” se sobrepõem diante das demais. Mas assim como os meios de comunicação servem para divulgar as culturas “elitistas”, também serve para mostrar para aos outros lugares a cultura local, suas belezas naturais, seus rios, seus pontos turísticos. A tecnologia, assim como está a serviço do global também serve para o local divulgar seu lado positivo e fazer o uso das “redes sócias” para o fortalecimento do lugar de origem resistir a força da globalização e continuar sendo o aconchego, o amparo, a presença, a ligação, a segurança, o encontro ou reencontro do indivíduo com o seu passado. Ou seja, mesmo com tanta cultura chegando de todos os lugares através das “redes”, induzindo o indivíduo a absorver essas várias informações vindas de longe, devemos utilizar também as esses meios tecnológicos para fazer propaganda da nossa cultura e continuar valorizando as nossas verdadeiras raízes. O significado é construído pela experiência coletiva, pela participação ativa ou mesmo passiva, do indivíduo na interpretação comunitária do vivido. As culturas de outros lugares podem parecer bonitas, atraentes, mas, ao final, não “falam” para o indivíduo, com os significados que foram germinados nas interações locais, presididos pela cultura do lugar que une a todos como se fossem um, e a cada um, como se fosse todos.

Segundo Hall, mesmo que as pessoas não se sintam plenamente representadas pelos discursos em circulação, elas tendem a se sentir mais atraídas por alguns deles. Outro aspecto relacionado à questão da identidade é o processo de globalização e sua incidência sobre a identidade cultural, que a sociedade moderna define-se por seu caráter de mudança constante e permanente, além de ser caracterizada pela diferença, ou seja, inúmeros aspectos e contradições sociais que geram diferentes identidades para o sujeito.

As velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até que visto como sujeito unificado. (HALL,1998,p.7).

Stuart Hall acrescenta que as mudanças estruturais que tiveram início na sociedade moderna no fim do século XX estão se transformando com as ideias que temos de sujeito e nossa forma de “exercer” uma identidade. Porém, o sujeito moderno – consciente dos seus pensamentos e responsável pelos seus atos – e do sujeito pós-moderno, cuja essência abstrata e transcendente deixa de ser considerada importante e Ghiraldelli Júnior passa a considerar na constituição permanente e dinâmica desse novo sujeito, as questões culturais como definidoras de suas identidades cambiantes, ou seja, mesmo com as redes sociais tentando impor as culturas dominantes, alguns grupos sociais não se submetem, mantendo as suas raízes culturais. Isso acontece porque hoje o fluxo de informações e pessoas é bem maior do que no passado. Para conhecermos qualquer cidade do mundo não precisamos sair da sala de nossa casa, basta termos desde um computador, até um aparelho celular com um desses aparatos tecnológicos, e temos o “mundo em nossa mão”, levando- nos a viajar e conhecer o global sem sair do local.

Para Giddens (2003), a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição, pelo parentesco, pela localidade. A modernidade, caracterizada como uma ordem pós-tradicional, ao romper com as práticas e preceitos preestabelecidos, enfatiza o cultivo das potencialidades individuais, oferecendo ao indivíduo uma identidade "móvel", mutável. É, nesse sentido, que, na modernidade, o "eu" torna-se, cada vez mais, um projeto reflexivo, pois aonde não existe mais a referência da tradição, descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O indivíduo passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância. O rompimento, ainda que parcial, com uma ordem tradicional, ao mesmo tempo em que promove certa autonomia pessoal, retira também uma sensação de firmeza das coisas, podendo constituir-se em grande fonte de ansiedade para o indivíduo. Portanto, uma criança que convive em uma família com brigas e bebedeiras constantes tem a tendência de se tornar um adulto com alto índice de violência, isso por conta da tradição familiar em que ele está inserido. O mesmo acontece com uma que cresce em uma família totalmente voltada para a religião, geralmente

acompanhará seus pais e se tornará um indivíduo religioso, porém em ambos os exemplos, eles podem romper com suas tradições familiares e tomar caminhos diferentes, como dizia Paulo Freire (2002) em sua Pedagogia da Autonomia, a realidade condiciona, mas não determina o sujeito. Este pode transcender o dado e superá-lo, transformando-se naquele que a lógica racionalista jamais previa.

Hall 2006 e Giddens 2003 concordam sobre a diversidade e a fragmentação da identidade. O primeiro utiliza o termo globalização e o segundo modernidade e admitem que a informação do mundo atual interfere no cotidiano das pessoas, independente de onde estejam e, conseqüentemente, altera as suas identidades. Os conceitos de identidade e lugar são referências básicas para o desenvolvimento desse trabalho, bem como para a compreensão da relação estabelecida entre a saída e retorno de homens e mulheres ao seu lugar de origem. O lugar tem um significado para eles que o incorpora à própria identidade. Lugar e identidade são fatores preponderantes para o sujeito se “encontrar” na imensa vastidão do espaço.

Relação estabelecida entre raízes, identidade e o retorno do homem e da mulher ao seu lugar de origem.

Mobilidade humana: Demandas sociais, políticas e econômicas.

Faz-se necessário aqui uma discussão sobre mobilidade humana, começando por uma obviedade: não existe conhecimento do fenômeno da migração se este não passar pelo crivo da experiência de quem a vivenciou. Migração é movimento, e movimento, em sua esmagadora maioria, da população pobre, que, na mobilidade, necessariamente, “[...] deixa para trás muitos traços de si mesma” (HALBWACHS, 1990, p. 138) e carrega restos de existência do lugar de origem para o novo mundo que se estabelece. Descrever tal processo sem antes vivê-lo é como falar de um livro sem antes lê-lo. Para se conhecer é antes preciso senti-lo, vivê-lo, engendrar o conhecimento a partir do que foi amalgamado em nossas entranhas, processo que permita conhecer sentindo, o que faz todo sentido para quem exerce a curiosidade que vai se epistemologizando no rigor metódico que a ciência vai exigindo naquele contexto de produção do saber. Essa experiência é sentida de forma diferenciada a partir das distintas posições que ocupamos em cada lugar do mundo.

Diariamente, milhares de pessoas saem de seu lugar de origem para um lugar desconhecido ou não, em busca de uma melhora de vida ou por outra razão, seja ela, afetiva, financeira ou desejada, não sabendo que sua vida vai mudar completamente. Esse homem ou mulher terá que se adaptar ao seu novo lugar, a uma nova cultura, à pessoas novas, enfim, a sua identidade sofrerá mudanças significantes, esse indivíduo perderá algumas de suas características e acrescentará novos costumes e crenças. Essa é a realidade desafiadora dos imigrantes entre a adaptação e a conservação de elementos fundamentais de sua identidade em um novo lugar.

A mobilidade espacial está presente na vida e no cotidiano das pessoas de várias maneiras. Muitos deixam seus locais de origem para residirem noutro bairro, noutra cidade, noutro estado ou país. Outros saem de suas residências para irem trabalhar e retornam ao final do expediente. Ainda há aqueles que se deslocam com o objetivo de fazer compras, para uma viagem de lazer ou de negócios. Com isso, percebe-se que a mobilidade se manifesta no espaço geográfico, num determinado tempo e diante de alguma motivação, seja ela de ordem socioeconômica, psicológica, seja ainda contra a vontade individual.

Muitos teóricos, por vezes, costumam empregar o termo “migração” ao se referirem às diferentes formas de deslocamentos humanos supracitados. Disso, surgem conceitos diversos como: migrações internacionais, migrações internas, migrações sazonais, migrações pendulares, e assim por diante. Dentre os fatores que influenciam os processos migratórios, o trabalho é o preponderante. Esse movimento pode ocorrer dentro de um mesmo país, estado ou município. São as chamadas migrações internas, que são aquelas em que as pessoas se deslocam dentro de um mesmo território. Dentre as migrações internas temos os seguintes movimentos:

- *Êxodo rural*: tipo de migração que se dá com a transferência de populações rurais para o espaço urbano. As principais causas são: a industrialização, a expansão do setor terciário, a mecanização da agricultura e fenômenos naturais como a seca. (A musicografia de Luiz Gonzaga, a poesia de Patativa do Assaré, entre outros, reflete essa realidade).

- *Migração urbano-rural*: tipo de migração que se dá com a transferência de populações urbanas para o espaço rural. Hoje em dia é um tipo de migração muito incomum.
- *Migração urbano-urbano*: tipo de migração que se dá com a transferência de populações de uma cidade para outra. Tipo de migração muito comum nos dias atuais.
- *Migração sazonal*: tipo de migração que se caracteriza por estar ligada às estações do ano. É uma migração temporária, onde o migrante sai de um determinado local, em determinado período do ano, e posteriormente volta, em outro período do ano. É conhecida também de transumância. É o que acontece, por exemplo, com os sertanejos do Nordeste brasileiro.
- *Migração pendular*: tipo de migração característico de grandes cidades e regiões metropolitanas, no qual centenas ou milhares de trabalhadores saem todas as manhãs de sua casa (em determinada cidade) em direção ao seu trabalho (que fica em outro município), retornando no final do dia.
- *Nomadismo*: tipo de migração que se caracteriza pelo deslocamento constante de populações em busca de alimentos, abrigo etc. Esse tipo de migração é típico de sociedades primitivas e por conta disso encontra-se em extinção.

O migrante é um indivíduo que chega de outro lugar, trazendo consigo sua história, portando sua espacialidade, com memória de paisagens e de lugares deixados temporariamente para trás, pretendendo manter nesse novo lugar sua existência. Nesse processo, transforma sua vida e os lugares que deixou e o lugar aonde chega. Um por meio de sua ausência sentida, o outro pela sua presença repentina. Ou seja, O lugar que deixa para trás fica um vazio, noutro que chega precisa conquistar seu espaço. Sabendo ele que chega a um lugar para assumir o papel de sujeito social, mesmo sentindo a dor da ausência, da distância dos familiares, a nostalgia da terra de origem, as experiências novas da chegada, as conquistas e as decepções, tudo isto se misturando neste lugar de vivências múltiplas que é para onde se migrou. Esse processo faz parte da migração.

A mobilidade humana e o retorno do homem ou da mulher ao seu lugar de origem são decorrentes de vários fatores entre eles as demandas sociais, econômicas, culturais e políticas, além de implicações afetivas, que podem ser positivas ou negativas. O migrante, que na maioria das vezes é nordestino, vai em

busca de trabalho nos grandes centros urbanos, geralmente situados no Sudeste para sustentar a família, quando retorna já não é mais o mesmo, pois, acrescenta uma nova cultura, uma nova vivência que, somada a sua experiência de vida, o transforma em um novo indivíduo com seus traumas, alegrias, tristezas, conquistas e derrotas.

Partindo da realidade de pequenas comunidades do município de Jacobina, Bahia, é comum a saída de muitos jovens para as grandes metrópoles, mais precisamente para São Paulo. A economia desses pequenos povoados é frágil e não consegue gerar empregos suficientes para a demanda desses jovens e a grande maioria se vê obrigado a deixar sua terra natal e arriscar nas grandes cidades um futuro melhor. Essa distância pode ser temporária ou durar vários anos. Quando é duradoura geralmente essas pessoas conseguem vim passear nos períodos festivos de Natal ou São João e quando estão de volta em seu lugar de origem, mesmo que de forma temporária, as emoções são constantes e à medida que o retorno se aproxima vai aumentando a angústia desses indivíduos que, mesmo trabalhando lá, não esquecem a sua terra natal. Infelizmente, as políticas públicas voltadas para esses fins, emprego, trabalho e renda são inadequadas para a permanência desses indivíduos.

As políticas públicas afetam a todos os cidadãos, de todas as escolaridades, independente de sexo, raça, religião ou nível social. Com o aprofundamento e a expansão da democracia, as responsabilidades do representante popular se diversificaram. Hoje, é comum dizer que sua função é promover o bem-estar da sociedade. O bem-estar da sociedade está relacionado a ações bem desenvolvidas e à sua execução em áreas como saúde, educação, meio ambiente, habitação, assistência social, lazer, transporte e segurança, ou seja, deve-se contemplar a qualidade de vida como um todo. E é a partir desse princípio que, para atingir resultados satisfatórios em diferentes áreas, os governos (federal, estaduais ou municipais) se utilizam das políticas públicas.

Nesse contexto, percebe-se que a precária condição de políticas públicas voltadas para a geração de trabalho não são suficientes, forçando os jovens a saírem precocemente de seus lugares, migrando para as metrópoles sem uma adequada preparação para essa nova realidade, ocupando na maioria das vezes

serviços inferiores por falta de qualificação. O poder municipal não dá um suporte para esses sujeitos que geralmente são de famílias pobres e, diante dessa situação, fica praticamente sem alternativa, restando apenas à migração como opção.

A migração “voluntária” se dá, sobretudo, entre jovens que perderam o gosto de viver na terra onde nasceram. O sistema escolar e a propaganda de meios de comunicação contribuem muito para essa perda. Esses migrantes voluntários procuram em outras cidades um meio de sobrevivência para compensar as condições de vida consideradas inadequadas em sua cidade de origem. O preço que pagam pela correria atrás desse progresso é alto. Cobra-lhes conformismo e assimilação que pervertem seus sonhos e paralisam seu potencial transformador.

Os Migrantes

Começamos com o senhor Silvano, 55 anos, que nos relatou um pouco sobre a sua vida. Em 1987, aos 25 anos decidiu ir para São Paulo, pois, aqui, na zona rural do Distrito de Lages da Batata, em Jacobina, Bahia, não tinha muitas oportunidades de emprego e já não aguentava mais a vida sofrida. Ele nos contou que, além da vida financeira ir de mal a pior, também foi incentivado pelos seus amigos que já moravam lá e naquela época tinha muitas opções de emprego em São Paulo, podendo lhe proporcionar uma vida melhor. Chegando lá, logo conseguiu emprego em uma empresa como motorista, pois já possuía carteira de habilitação facilitando o acesso em sua carreira profissional. Até então tudo estava bem, mas a saudade de sua família era enorme, fazendo com que ele, com três meses em São Paulo, mandasse buscar a sua esposa e filha que na época tinha um ano de idade. Com a vinda da sua família se sentiu mais confortável e feliz, motivo esse que o segurou onze anos nessa mesma empresa.

O senhor Silvano nos relatou que, mesmo com sua família próxima, a saudade dos que ficaram era grande de mais, pois lá tinha deixado pai, mãe, irmãos e amigos de uma vida toda, e mesmo pegando férias e vindo todos os anos em seu lugar de origem não era suficiente para desistir do retorno à sua terra natal. Ao ser questionado qual o período achava melhor para vir à Bahia nas férias, nos disse que em períodos festivos, principalmente fim de ano, porém a empresa nem sempre o liberava nesse período, assim vinha qualquer época, pois, o importante era retornar ao seu lugar de origem, reencontrar seus familiares e amigos e matar a saudade,

aproveitar cada minuto como se fosse único. Em suas palavras ali eu me sentia em “casa”, pois era o meu verdadeiro lugar, estar perto de mãe, pai, irmãos e amigos não tem preço. Sem falar na tradicional comida baiana o que me deixava muito bem, ele disse que aproveitava o máximo, pois sabia que aquele momento era rápido e logo tinha a sofrida despedida. Sempre tinha reuniões em famílias, confraternizações com amigos já que as férias passavam muito rápido e a próxima demorava uma eternidade. Com o passar dos anos, foi se equilibrando financeiramente em São Paulo, incentivou e deu apoio para seus familiares, irmão, cunhados, primos pudessem ir também para esta cidade gerando mais migração. Com grande parte da família na capital, seus pais passaram a visitá-los na metrópole paulista em com maior frequência, pois dos treze filhos, dez já estavam lá. Todos arrumaram emprego e muitos ainda se encontram lá, já que casaram e construíram família com pessoas de da capital.

Mesmo trazendo sua família para perto o seu Silvano conta que vários fatores foram relevantes para acelerar o seu retorno: a violência era altíssima, presenciou vários assaltos e até mesmo mortes de seus amigos, a vida que vivia era muito corrida. Outro motivo foi à doença de seu pai que foi diagnosticado com câncer. Ele queria estar perto dele nesse momento tão difícil. Além disso, tinha vontade de montar seu próprio comércio. Em 2000, depois de treze anos, seu Silvano retornou a seu lugar de origem e com suas economias conseguiu montar uma loja de 1,99, que foi fundamental no início de seu retorno. Com o fechamento da loja, depois de quatro anos, comprou um carro de linha e se tornou taxista, profissão que exerce até hoje. Questionado sobre um possível retorno para uma cidade grande, ele diz não existir possibilidade alguma, pois financeiramente está bem, tem uma vida tranquila, calma, perto das pessoas que ama mãe, irmãos, amigos e agora seu maior “sonho” é trazer todos de volta para perto dele seus parentes e amigos que lá estão.

Também colhemos o depoimento de Zilda Farias, 40 anos, moradora do Distrito de Novo Paraíso, Jacobina, Bahia. Ela nos relatou que saiu daqui aos dezoito anos para Embu das Artes, São Paulo, pois, sua terra natal não oferecia oportunidades de emprego, daí a decisão de buscar novos horizontes, mesmo que distante de sua família e amigos. Chegando lá, logo encontrou emprego e ajudava

sua mãe e seus irmãos. Três anos depois, consegui visitar seus parentes e já não tinha tanta motivação para voltar para São Paulo, porém, passada as férias retornou. Ficou durante quinze anos por lá, casou-se e teve um filho, mas, com todas essas transformações em sua vida, não pensava em outra coisa, senão no retorno para o seu lugar de origem. Sua mãe, também incentivou bastante a sua vinda. Outro fator que contribuiu consideravelmente foi, segundo ela, o custo de vida lá, que aumentou muito e o salário que ganhava desvalorizou. Assim, resolveu voltar para seu lugar de origem e recomeçar, agora com a alegria de estar perto de seus familiares e amigos. Chegando aqui, se deparou com a dificuldade de emprego para ela e para seu marido, mas, seis meses depois, conseguiram e estão empregados até hoje. Ela afirma não ter saudades nenhuma de São Paulo e não pretende voltar para lá nem a passeio.

Em entrevista com o senhor Silvano, nascido no Distrito de Lages do Batata Jacobina, Bahia, 38 anos de idade, saiu do seu lugar de origem em 1997 aos 17 anos com o intuito de ir para São Paulo em busca de um emprego e conseqüentemente melhorar de vida. Chegando a São Paulo conseguiu um emprego de ajudante de produção no qual ficou por quatro anos. Ele relatou que lá se casou e logo se tornou pai de duas crianças, e a despesa aumentou, daí a necessidade de aumentar a renda, começou a se profissionalizar fazendo vários cursos, entre eles o de mecânico de moto.

A saudade de seus pais, amigos e irmãos eram imensa, cada dia, mês, ano era uma eternidade que castigava muito, fazendo chorar sempre que lembrava, além da dificuldade de se adaptar à cidade grande. A cultura daquele novo lugar, as pessoas diferentes que em muitos casos não dava um bom dia a ninguém, fazia com que se sentisse numa prisão, sem liberdade com várias pessoas estranhas. Porém, por não ter uma formação, não conseguia um bom emprego. Assim a vontade de retornar para sua terra natal aumentava a cada dia. Isso só era possível nas férias, que aproveitava para vir à Bahia e rever todos para amenizar a saudade. Quando vinha passear procurava aproveitar o máximo com a família e amigos fazendo o que sempre fez na infância, ir pra roça, comer as comidas tradicionais baianas que sempre gostou, totalmente diferentes das de São Paulo, mas, sabia que logo aquela liberdade acabaria, pois, a hora de retornar para o trabalho, logo, chegaria.

A vida em São Paulo era muito corrida só tinha tempo para o trabalho, sem lazer, a violência era grande e essa preocupação aumentou quando seus dois filhos nasceram. Mesmo assim tinha que ficar, pois, tinha uma família para sustentar. O custo de vida era alto e a saudade da família, fez com que seu Silvano acreditasse que na Bahia poderia ser melhor já que conseguir se tornar um mecânico profissional de moto e viu a possibilidade de montar sua própria oficina. Em 2000 voltou para seu lugar de origem e montou sua tão sonhada oficina na qual teve sucesso e até hoje dá o sustento da família, além de uma boa qualidade de vida. Aqui tem seu lazer e proximidade das pessoas que ama e os parentes que ficaram para trás, resta a saudade e o desejo que um dia eles façam o mesmo retorno que eu fiz.

Estes relatos nos permitiram construir o quadro a seguir que indica algumas características dos retornados que convém apresentar. É notável a multiplicidade de experiências em função da variedade de relações, bem como a diversidade de atividades praticadas na imigração.

Viver muito anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas. À medida que se vive o passado aumenta. O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. Somos aquilo que temos, que fizemos, nossas habilidades e conhecimentos, porém por esses haveres não serem visíveis nem acessados, fortalecemos nosso sentido do eu resgatando o passado e tornando-o acessível.

O reconhecimento da pluralidade de histórias, em detrimento do mito da História Única, é um fato que aponta para a compreensão de que outros sujeitos não só existem e agem como possuem múltiplas identidades fragmentadas, em plena construção, mesclando passado e presente, numa “celebração móvel”, não unificadas ao redor de um “eu” móvel (HALL, 2003, p. 13). O caso dos migrantes, em especial os retornados, ilustra bem a construção de uma história em meio a um processo onde o devir “aberto” se mostra predominante no que se refere à formulação de projetos e no estabelecimento de uma identidade.

Instamos que na construção das respectivas ordens territoriais vigentes, os retornados não só agregam quantidade à população dos lugares de origem, mas, sobretudo, reconfiguram o imaginário social e as relações de poder, reestruturando e reinterpretando o espaço por meio de suas territorialidades. Com isso, as identidades dos migrantes nordestinos constituem, assim como sua região expressa por meio de geossímbolos, a diferenciação vivida na imigração, algumas vezes em situações de territorialização precária na metrópole, gerando linhas de fuga.

política ou jurídico-política: a mais difundida, onde o território é visto como espaço delimitado e controlado onde se exerce poder, quase sempre relacionado ao Estado; - cultural ou simbólico-cultural: em que se prioriza a dimensão mais subjetiva, em que o território é visto como produto da apropriação simbólica de um grupo; - econômica/funcional: menos difundida, acepção em que se enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, tendo o território como fonte de recurso e produto da divisão territorial do trabalho; - natural (ista): a mais antiga, fundada no comportamento “natural” dos homens em relação ao seu ambiente físico (HESBAERT, 2004, p.40)..

Quadro 1: Informações Gerais dos Entrevistados									
	Nome	Idade atual	Municípios de Imigração	Municípios de Retorno	Ano da emigração ou etapa migratória	Ano do Retorno	Atividade/ Profissão praticada no lugar de imigração	Atividade/ Profissão praticada no lugar de retorno	Classe econômica (por dedução ou informação direta)
1	Jocelio M. Pilar	34	Embú das Artes SP	Jacobina BA	2008	2014	construção de metro,Porteiro	Auxiliar de produção serviços gerais	Média
2	Zilda F. de Oliveira	40	Embú das Artes SP	Jacobina BA	1996	2014	Auxiliar de embalagem e de produção	Agente administrativo	Média
3	Josevaldo F. dos Santos	45	Santos SP	Jacobina BA		2005	Marceneiro	Empresario	Média
4	William de O. Dantas	41	Embú das Artes SP	Jacobina BA	1992	2002	Operador de máquina	Serviços gerais	Média
5	M. da Silva	55	Diadema SP	Jacobina BA	1987	2000	Motorista	Taxista	Média
6	Silvano S. Souza	38	Diadema SP	Jacobina BA	1997	2010	Auxiliar de produção	Comerciante	Média
7	Silva	42	Diadema SP	Jacobina BA			Motorista	Motorista	Média
8	Roberio S. de Andrade	43	Vazame SP	Jacobina BA	1993	2007	Servente	Motorista	Média
9	José S. da Silva	42	Diadema SP	Jacobina BA	1990	2005	Auxiliar administrativo	Empresario	Média
10	Mario da S. Souza	40	Diadema SP	Jacobina BA	1995	2005	Auxiliar de produção	Fazendeiro	Média
11	dos Santos	31	Rio Verde GO	Jacobina BA	2004	2008	Auxiliar de produção	Auxiliar administrativo	Média
12	José G. da Silva	70	Guarulhos SP	Jacobina BA	1970	2010	Assistente de saneamento	Aposentado	Média
13	M. da Silva	36	Rio Verde GO	Jacobina BA	2004	2008	Auxiliar de produção	Motorista	Média
14	Darlan S.dos Santos	33	Rio Verde GO	Jacobina BA	2004	2008	Auxiliar de produção	Motorista	Média
15	José B. Leite da Silva	38	Feira de Santana BA Campo Mourão PR	Jacobina BA	2001	2014	Jogador de futebol profissional	Comerciante	Média
16	William S. Silva	29	Rio Verde GO	Jacobina BA	2004	2006	Auxiliar de produção	Frentista	Média
17	Jardel L. Agostinho	36	Rio de Janeiro	Jacobina BA	2011	2017	Motorista	Motorista	Média
18	Joacy L. Agostinho	34	Rio de Janeiro	Jacobina BA	2012	2016	Motorista	Motorista	Média
19	Dailane S. dos Santos	29	Salvador BA	Jacobina BA	2010	2015	Estudante	Coordenadora de CRAS	Média
20	João C. da Silva	68	Embú das Artes S	Jacobina BA	1980	2010	Motorista	Aposentado	Média

21	Marcos F. dos Santos	56	Diadema SP	Jacobina BA	1985	2000	Servente	Motorista	Média
22	Paulo R. F. Silva	28	Santos SP	Jacobina BA	2008	2015	Marceneiro	Agente de manutenção	Média
23	Rubenildo F. Martins	45	Embú das Artes SP	Jacobina BA	2000	2010	Motorista	Motorista	Média
24	Manuela G. da Silva	60	Rio Verde GO	Jacobina BA	1990	2015	Doméstica	Aposentada	Média
25	Roberto J. Gomes	43	Campinas SP	Jacobina BA	2005	2013	Pedreiro	Pedreiro	Média
26	Cleber O. Reis	45	Guarulhos SP	Jacobina BA	2001	2012	Vigilante	Porteiro	Média
27	Noemia E. Fernandes	40	Ribeirão Preto SP	Jacobina BA	1995	2005	Doméstica	Serviços gerais	Média
28	Givaldo F. dos Santos	36	Santos SP	Jacobina BA	2005	2011	Jardineiro	Agente de saúde	Média
29	Orlando M. Goes	39	Rio Verde GO	Jacobina BA	2004	2010	Auxiliar de produção	Auxiliar de produção	Média
30	Edaildo R. Gomes	41	Campinas SP	Jacobina BA	2007	2011	Gesseiro	Agricultor	Média
31	Adailton Moreira	32	Rio Verde GO	Jacobina BA	2003	2005	Auxiliar de produção	Mecânico	Média
32	Edilson A. da S. Junior	32	Rio Verde GO	Jacobina BA	2008	2015	Auxiliar de produção	Desempregado	Média
33	Auzenir dos Santos	45	Rio Verde GO	Jacobina BA	2007	2008	auxiliar de produção	Serviços gerais	Média
34	Antonio M. de O. Neto	46	Belo Horizonte MG	Jacobina BA	2009	2014	Porteiro	Vendedor	Média
35	Marivaldo Martins	70	Rio Verde GO	Jacobina BA	1987	2015	Mecânico	Aposentado	Média
36	Rosivane M.da Silva	31	Rio Verde GO	Jacobina BA	2008	2013	Auxiliar de produção	Secretária	Média
37	Livia S. Lima	34	Rio Verde GO	Jacobina BA	2010	2017	auxiliar de produção	Agente de saúde	Média
38	Pedro N. Miranda	37	Rio Verde GO	Jacobina BA	2001	2016	Mecânico	Motorista	Média
39	Pedro A. da Silva	67	Ribeirão Preto SP	Jacobina BA	1980	1995	Servente	Aposentado	Média
40	Roasane Miranda	40	São Paulo	Jacobina BA	2000	2017	Secretária	Cabeleireira	Média

Considerações Finais

Entendemos que o migrante mesmo longe de sua terra natal preserva a sua identidade e a cultura de seu lugar. Seja no lugar de acolhida, seja no lugar de retorno, o migrante é resultado da combinação de sua memória com os contextos dos lugares em que se territorializou. A análise da realidade dos migrantes não evidenciou a perda do vínculo afetivo e de identidade desses migrantes em relação às suas origens, embora permaneça a maior parte do ano longe de sua cidade natal.

É fato que as principais causas que determinam o deslocamento dos povos, muitas vezes, são de ordem econômica. Essa tendência também foi constatada no público entrevistado, tendo em vista que os mesmos, por se situarem numa região escassa de oportunidades, deixam as suas origens devido à falta de emprego, esperança de melhores condições socioeconômicas. Porém, o que se percebe é que em muitos casos, mesmo conseguindo a melhora desejada, a sua relação com o atual lugar onde se encontram não desfaz os vínculos traçados com seu lugar de origem. As memórias, os familiares, os costumes constituem identidades que se sobrepõem às novas abstrações identitárias. Isso não representa o não reconhecimento do novo meio de vivência como Lugar, mas formas de pertencimento diferentes.

A migração humana causa impactos positivos e negativos tanto nos locais de origem quanto nos de destino, sejam estruturais, econômicos, sociais – fatores objetivos – e até mesmo afetivos, comportamentais, psicológicos – fatores subjetivos. Na busca pelo novo, com a esperança depositada, muitas vezes, no desconhecido, a parte mais vulnerável dessa relação é o indivíduo e é sobre ele que os impactos mencionados podem ser piores. Por esse motivo a relação entre o migrante e o seu lugar de origem se estreita, seja por apreensões identitárias, seja por fatores objetivos.

Dessa forma, a dinâmica da mobilidade humana deve ser analisada com um olhar cuidadoso, pois não se trata apenas do rompimento das fronteiras e limites físicos, existem relações bem mais delicadas, as subjetividades que cada indivíduo carrega, formando suas identidades e seu sentimento de pertencimento. Migrar não significa apenas mover-se no espaço, mas sim a constante (re) construção do Lugar.

REFERÊNCIAS

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana. Brasília, ano XXI, nº 41 – jul./dez., p. 21-54, 2014.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede: a era da informação. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Identidades. Revista do memorial da América Latina “nossa América”. São Paulo. Nº 13, p. 22-29, 1997/1998.

HARVEY, David. Condição pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. *In*: ARANTES, Antonio (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papius, 2000.

MBEMBE, Achille. Necropolítica seguido de sobre el gobierno privado. Traducción y edición a cargo de Elisabeth Falomir Archambault. Santa Cruz de Tenerife: Editorial Melusina, 2011.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pPensamento lLiminar. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003.

Migração de retorno e migração: categorias ou experiência social? Mimeo, 1997.

PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil. *In* Revista Travessia: Revista do Migrante, São Paulo, vol. 7, n.º 19, p. 20-22, maio/agosto, 1994.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. História da educação no Brasil (1930/1973). 14 ed. Petrópoli, RJ: Vozes, 1991.

SÁBATO, Ernesto. Homens e engrenagens. Campinas: Papyrus, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SCOTT, R. Parry. O Retorno ao Nordeste – Refugio, Família e Reprodução. Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Volume 2, p. 665-698, 1986. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V02A05.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2014.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: Edusp, 1998,2000).